

**RELACIONAMENTO CONJUGAL E TÁTICAS
DE RESOLUÇÃO DE CONFLITO ENTRE CASAIS**

Trabalho apresentado ao Familiare Instituto Sistêmico
como requisito parcial para conclusão do Curso de
Especialização em Terapia Relacional Sistêmica.

Simone Dill Azeredo Bolze

Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

AGRADECIMENTOS

A formação em Terapia Relacional Sistêmica era um plano que há muito eu sonhava em concretizar. Para isso, contei com a ajuda e incentivo de várias pessoas, as quais eu gostaria de agradecer.

À professora Dra. Maria Aparecida Crepaldi, pelo incentivo, confiança, compreensão e por me encantar com sua sabedoria, capacidade de memorização e empatia.

Ao João David Cavallazzi Mendonça, por me inspirar com sua perspicácia e sutileza nas intervenções.

À Denise Duque, por me ensinar a ser direta e prática nos atendimentos e por ter despertado em mim o desejo de estudar casais.

Às famílias participantes do estudo, obrigada por confiarem as histórias de suas vidas para contribuir com minha formação.

Às colegas de formação: Carmem, Danúbia, Gisele, Graziela, Ismênia, Luciana, Renata e Samira. Obrigada por me ajudarem a pensar.

Às colegas Samira Macarini e Michelli Rabusque, um agradecimento especial pela disponibilidade e ajuda na prova do mestrado e no projeto de qualificação.

Às colegas e amigas do mestrado: Beatriz Schmidt, Carina Bossardi e Lauren Gomes. Obrigada por compartilharem comigo tantos pensamentos e ideias.

À vó Lurdes, matriarca querida, que deixou nossa família há dois meses. Obrigada por ser um exemplo de mulher lutadora e por me incentivar a estudar e a buscar realizar meus sonhos.

Às mulheres da minha vida, que contribuíram para ser quem sou: à dinda Iolanda, por me ensinar a ser alegre e vaidosa; à tia Neca, por ser minha inspiração profissional; à minha sogra Gilka, por me cuidar como uma mãe; e à minha mãe, que sempre permitiu que eu buscasse meus objetivos e garantiu que as coisas dariam certo.

Aos homens da minha vida: ao meu marido, Maurício, por apoiar as minhas escolhas e propiciar a realização dos meus sonhos; ao meu filho, Arthur, por crescer lindo e forte em meio à sopa de letrinhas da mamãe. Ao meu pai, José Carlos, por me estimular a sonhar alto.

Arthur, filho querido, obrigada por fazer com que eu descubra, a cada dia, uma nova faceta da maternidade. Isso ajudará a mamãe a auxiliar outras mamães.

A Deus, por me iluminar, proteger e por me dar força e coragem.

SUMÁRIO

RESUMO	05
ABSTRACT	05
INTRODUÇÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
MÉTODO	10
Caracterização da pesquisa.....	10
Participantes	11
Instrumentos	11
Procedimentos	11
RESULTADOS	12
Caracterização sociodemográfica dos participantes.....	12
Relacionamento conjugal	12
Caracterização dos tipos de resolução de conflito na relação conjugal	14
DISCUSSÃO.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS	20

Relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflito entre casais

Resumo: A presente pesquisa visa caracterizar o relacionamento conjugal e as táticas de resolução de conflito entre casais através dos instrumentos FLOREAL e CTS2. Trata-se de um estudo exploratório descritivo e correlacional, do qual participaram 50 casais de um estado no Sul do Brasil. Os instrumentos utilizados foram um Questionário Sociodemográfico, o Questionário *FLOREAL* e o *Revised Conflict Tactics Scales* - CTS2. Os dados foram coletados nos domicílios das famílias e submetidos ao pacote estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS). Os resultados obtidos sugerem que a maioria dos casais considera ter uma relação conjugal harmônica com predomínio da dimensão *Negociação*. Entretanto, as dimensões *Agressão Psicológica Menor* e *Violência Física Menor* também apareceram como formas de resolução de conflitos.

Palavras chave: Relação Conjugal; Conflito Conjugal; Táticas.

Marital Relationship and tactics of conflict resolution between couples

Abstract: This research aims to characterize the marital relationship and tactics of conflict resolution between couples through the instruments and FLOREAL and CTS2. It is a descriptive and correlational study in which participated 50 couples from a state located in the south of Brazil. The measurements used were a sociodemographic questionnaire, the Questionnaire *FLOREAL* and the *Revised Conflict Tactics Scales* - CTS2. Data were collected at the families' residencies and were analyzed with the *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS). The results suggest that most couples consider to have a harmonic relationship with a preponderance of *Negotiation*. However, the constructs *Minor Psychological Aggression* and *Minor Physical Violence* have also appeared as tactics of resolution of conflicts.

Keywords: Marital Relationship; Marital Conflict.

Relacionamento conjugal e táticas de resolução de conflito entre casais

Simone Dill Azeredo Bolze¹

Maria Aparecida Crepaldi²

O casamento segue uma lógica na qual um e um formam três, haja vista que cada um dos cônjuges se distingue pelo sexo, pela sua história de vida e pela cultura da família de origem (Caillé, 1994). A dinâmica do casal se estrutura no confronto de percepções diferentes do mundo, na oposição de visões antagônicas. A vida conjugal pode ser vista como um eterno processo dialético que atinge sínteses transitórias e reformuláveis. Segundo o autor, a síntese é possível se houver a possibilidade de reconquista de um absoluto de casal. O absoluto é uma síntese, plena de significado, das diferenças entre duas pessoas. O absoluto do casal é um modelo único de ser casal, o que define a existência conjugal e estabelece seus limites.

Com relação a esse modelo único de ser casal, Féres-Carneiro (1998) explica que o casal é composto por duas individualidades que formam uma conjugalidade. Segundo ela, cada um dos cônjuges traz consigo uma identidade, uma história pessoal, planos, sonhos, expectativas que, na relação amorosa, se juntam para estabelecer uma história a dois, um projeto de vida em comum, uma identidade conjugal. Segundo a autora, um dos maiores desafios para a constituição e manutenção do casamento é o estabelecimento de um equilíbrio entre os valores individuais de cada cônjuge e a vivência da conjugalidade, daquilo que é a realidade comum do casal, dos desejos e projetos conjugais.

Sendo assim, tornar-se um casal é uma das tarefas mais difíceis do ciclo vital. O casamento requer que duas pessoas renegociem juntas uma série de questões que definiram previamente em termos individuais, ou que foram definidas por suas famílias de origem, tais como quando comer, dormir, conversar, fazer sexo, brigar, trabalhar e relaxar. O casal também precisa definir como utilizar o espaço, o tempo e o dinheiro, além de decidir os rituais e tradições familiares que serão mantidos e outros que serão modificados. Além disso, o casal terá de renegociar os relacionamentos com pais, irmãos, amigos, família ampliada e colegas de trabalho (McGoldrick, 1995).

Dessa forma, o casamento implica em uma reorganização interna de cada um dos cônjuges e uma reorganização para a construção de uma identidade conjugal (Féres-Carneiro, 2003). Além disso, Jesse Bernard (1972 como citado em Papp, 1995, p.148), afirma que, ao examinar a

¹ Este artigo foi escrito com base na dissertação de Mestrado apresentada pela primeira autora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina e utilizado como Monografia de Conclusão de Curso do Familiar Instituto Sistêmico para o título de Especialista em Terapia Relacional Sistêmica.

² Professora Doutora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

instituição matrimonial, deveria se considerar separadamente o casamento da mulher e do homem, porque o estado conjugal é diferentemente experimentado pelos parceiros.

Assim, a relação conjugal pode ser comprometida por situações de estresse familiar e pelo fluxo de ansiedade ocasionada por elas. Carter e McGoldrick (1995) consideram que o fluxo de ansiedade de uma família pode vir de *estressores verticais* ou *horizontais*. Os *estressores verticais* envolvem os padrões, mitos, segredos e legados familiares que passam de uma geração para outra e que cada um dos cônjuges traz consigo para a relação. Os *estressores horizontais* abarcam os estresses produzidos na família, conforme essa avança no tempo, e incluem tanto os estresses desenvolvimentais previsíveis (transições do ciclo de vida) quanto os eventos imprevisíveis (morte precoce, doença crônica, acidente, etc.).

Desse modo, um estresse horizontal pode fazer com que o casal se desorganize na sua forma de funcionar. Caso o estresse aconteça em um casal que já vivencie um estresse vertical, esse pode tornar-se disfuncional ou até romper com o sistema conjugal. Assim, é esperado que o casal, ao longo do relacionamento, enfrente alguns problemas e sinta a necessidade de fazer ajustes e se adaptar às novas demandas que surgem. Contudo, há casais que apresentam dificuldades para fazer tais adaptações.

Por essa razão, McGoldrick (1995), baseada no modelo de família americana, aponta alguns fatores de ajustamento conjugal que são considerados como preditivos para possíveis conflitos entre o casal: a) pessoas que casam após uma perda importante ou por um desejo de afastar-se da própria família de origem; b) histórias familiares significativamente diferentes dos cônjuges (religião, educação, classe social, etnicidade, as idades dos parceiros, constelações fraternas, etc.); c) o casal reside ou muito perto ou há uma grande distância da casa da família de origem e/ou depende de alguma das famílias de origem em termos financeiros, físicos ou emocionais; d) o casal casa com menos de seis meses de relacionamento ou com mais de três anos de noivado ou quando os cônjuges são muito jovens (menores de 20 anos); e) o casamento ocorre sem a presença da família e dos amigos ou por uma gravidez inesperada; entre outros.

Assim sendo, a definição para conflitos conjugais é complexa, pois estes podem envolver desde discordâncias facilmente solucionáveis até ameaças, agressões e comportamentos hostis. Num conflito conjugal não há uma realidade absoluta, mas sim duas realidades subjetivas (Gottman & Silver, 2000). De uma forma geral, os autores da área se baseiam no entendimento de que um casal tem problemas quando está infeliz com o relacionamento. A ideia de infelicidade está associada à insatisfação e à experiência de emoção desagradável. Entretanto, como há vários tipos de emoções experimentadas pelos casais e estas são muito particulares, pesquisadores recomendam que cada casal seja estudado de forma detalhada para que se possam compreender as características específicas de cada problema marital (Epstein, Baucom, & LaTaillade, 2006).

Para Gottman e Silver (2000), todo o casamento é a união de dois indivíduos que levam para ele suas opiniões, peculiaridades e valores. Desse modo, há de se prever que os casais, mesmo em relacionamentos considerados felizes, enfrentarão uma profusão de problemas conjugais. Segundo os autores, alguns conflitos causam apenas certo incômodo e irritação, outros, entretanto, podem ser de uma complexidade e intensidade opressivas. Quando isso ocorre, os casais sentem-se mergulhados em desavenças ou podem se afastar um do outro como medida de proteção. A diferença é que casais infelizes parecem envolver-se em longas cadeias de reciprocidade negativa, e, contrariamente, há um clima de concordância criado na interação de casais felizes, incluindo mais positividade durante o conflito, mais de aprovação e menos de discordância e críticas (Madhyastha, Hamaker, & Gottman, 2011).

Gottman e Silver (2000) definiram que todos os conflitos conjugais, desde as discussões rotineiras até a guerra entre os casais se enquadram em duas categorias: os que podem ser *resolvidos* e os que são *permanentes*. Os pesquisadores identificaram que 69% dos conflitos maritais se inserem na categoria de problemas *permanentes*. Em estudo realizado com casais em duas etapas distintas, os autores perceberam que os motivos de conflito ainda eram os mesmos num intervalo de quatro anos. Segundo eles, no âmago dos conflitos que apresentam um impasse estão sonhos não realizados, e as intermináveis discussões simbolizam alguma diferença profunda entre marido e mulher que precisa ser identificada e tratada para que o problema não tome uma dimensão grande demais no relacionamento conjugal.

Dessa forma, percebe-se que a compreensão do conceito de conflito conjugal é consideravelmente ampla e envolve desde abuso verbal e físico até características e comportamentos pessoais. Contudo, observa-se que conflito conjugal tem um papel deletério na saúde mental e física da família (Fincham, 2003). O conflito entre membros de um casal também é considerado um fator de risco para os cônjuges, para o desenvolvimento de formas de psicopatologia como depressão, transtornos de ansiedade e abuso de álcool. Além disso, o estresse marital aumenta a probabilidade de os indivíduos desenvolverem problemas físicos de saúde e também a terem dificuldades de funcionamento no trabalho (Epstein, et al., 2006).

Os problemas conjugais comumente têm múltiplas causas, pois envolvem as interações entre dois indivíduos, bem como as características de cada um dos cônjuges, além dos estressores de vida que ambos enfrentam juntos. Entre as características de relacionamento consideradas preditoras de desenvolvimento de estresse para os casais e possíveis motivos de conflito estão: a) características demográficas do casal (idade, educação, situação socioeconômica); b) características de personalidade individual de cada um dos cônjuges e psicopatologia (neuroticismo³, depressão,

³ O neuroticismo se refere a uma ampla dimensão de características individuais que tendem a experienciar emoções desagradáveis e conflitivas, apresentando, ao mesmo tempo traços cognitivos e comportamentais. Mais do que um

abuso de substância); c) grau em que os cônjuges têm interações negativas *versus* engajamento conjunto em atividades positivas e mutuamente divertidas; d) qualidade da comunicação do casal, principalmente quando este enfrenta desacordos ou conflitos que precisam ser resolvidos; e) formas como cada cônjuge pensa no outro e na relação de ambos (seus padrões pessoais no que se refere a características de um bom relacionamento e os graus em que esses padrões se encontram); f) extensão em que o casal tem dificuldades em lidar com estressores do ambiente (problemas financeiros, criança com uma doença crônica) (Epstein, et al., 2006).

Cabe ressaltar que a personalidade de cada um dos membros do casal e experiências únicas dentro de suas relações familiares são importantes para compreensão de influências genéticas e ambientais sobre os conflitos globais (Horwitz, et al., 2011). Além disso, o ciúme, dependendo de sua intensidade e frequência, pode ser considerado patológico e, assim, ter efeito destrutivo na relação conjugal (Kingham & Gordon, 2004; Almeida, Rodrigues, & Silva, 2008; Carvalho, Bueno, & Kebleris, 2008).

Além dessas características, pesquisadores indicam que a vinda de um filho pode ser motivo de conflito entre o casal (Belsky & Rovine, 1990; Bigras & Paquette, 2000; Braz, Dessen, & Silva, 2005). Um dos motivos que casais atribuem ao divórcio é a não concordância sobre como educar os filhos. Além disso, casais com filhos considerados “difíceis” (crianças que demonstram um comportamento que se afasta da norma social) podem apresentar maior conflito conjugal (Silvares & Souza, 2008).

Além desses fatores, há casais que apresentam uma tendência à patologia comunicacional na qual encontram-se as denominadas *escalada simétrica* e *rigidez complementar*. Dessa forma, um casal que está competindo para ver quem manda em casa ou, em uma discussão, cada um trata de manter-se à altura do outro ou de superá-lo, apresenta um comportamento simétrico em escalada. Em contrapartida, um casal em que um dos cônjuges manda e outro obedece está apresentando um comportamento rigidificado (Watzlawick, Beavin, & Jackson, 1973; Osório, 2004). Esses tipos de problemas comunicacionais podem gerar a destruição do sistema familiar e levar casais a optarem pelo divórcio.

O padrão de interação estabelecido entre os casais e a capacidade dos cônjuges de lidarem com emoções e comportamentos um do outro podem levar a maior incidência de conflito marital. Pesquisadores observam que é comum, em situações de conflito conjugal, um dos cônjuges demonstrar um comportamento mais persistente e outro mais retraído. De acordo com os estudos, esse padrão está associado ao sexo, sendo as mulheres mais propensas a demandar e os homens a retrair (Gottman, 1998; Braz, et al., 2005; Sangrestano, Heavy, & Christensen, 2006).

Nos conflitos conjugais também estão implicadas relações de poder relativo dos parceiros

estado emocional passageiro, o neuroticismo é um traço ou tendência estável da personalidade (Oliveira, 2002).

diádicos que fazem com que esses relacionamentos não sejam inteiramente simétricos. Nas relações cujo poder é assimétrico, o cônjuge mais poderoso tende a atingir seus objetivos. Em contraste, quando o poder é mais igualitário entre os parceiros, tentativas de controle recíprocas são mais prováveis e as formas de resolução de conflitos são menos previsíveis. Nesse caso, as estratégias de resolução de conflitos podem seguir por duas vias distintas: se ambos os cônjuges são incapazes de coagir ou persuadir o outro, e se nenhum deles está disposto a desistir, eles possivelmente irão deixar de resolver suas diferenças. Entretanto, se ambos os parceiros estão dispostos a rever suas iniciais posições para que cada pessoa, em parte, atinja o seu objetivo, a resolução pode ser alcançada através de um acordo harmônico. A distinção entre essas duas formas de resoluções de conflito em díades de poder relativamente simétricas pode depender dos modelos familiares de resolver problemas e, especialmente, das estratégias que eles usam para fazê-lo (Recchia, Vickar, & Ross, 2010).

Deste modo, percebe-se que os casais têm conflitos de diversas ordens. Isso parece ser inevitável considerando que o conflito faz parte das relações humanas e que certo grau do mesmo é visto como algo importante para o amadurecimento pessoal e familiar (Straus, 1979). Entretanto, o conflito conjugal é considerado um fenômeno complexo, pois pode ser demonstrado de várias formas e ter múltiplas causas (Boas, Dessen, & Melchiori, 2010), se distinguindo por diferentes níveis de intensidade, frequência, conteúdo e resolução, além de ser manifestado de forma aberta ou velada (Benetti, 2006). Do ponto de vista clínico, casais que vivenciam conflitos, mas têm a habilidade de negociar e resolvê-los são considerados saudáveis (Goeke-Morey, Cummings, Harold, & Shelton, 2003). Entretanto, há casais cujos conflitos são constantes e que se utilizam de práticas destrutivas para a resolução dos mesmos, inclusive com uso de violência. Quando isso ocorre, o conflito pode causar prejuízo para a saúde dos cônjuges, bem como no desempenho de atividade laborais, cognitivas e sociais (Epstein, et al., 2006).

Neste sentido, o presente estudo se propõe a caracterizar o relacionamento conjugal e as táticas de resolução conflito conjugal utilizadas por casais. Compreende-se que este trabalho pode se concretizar como de relevância social e científica, pois seus resultados poderão contribuir na elaboração de estratégias de promoção do desenvolvimento da saúde psicossocial da família.

Método

Caracterização da pesquisa⁴

⁴ O presente estudo insere-se no âmbito de um projeto maior do Laboratório de Pesquisa em Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC) e do Núcleo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) que está em desenvolvimento em parceria com um grupo de estudos canadense Universidade do Québec em Montréal (UQÀM) e Universidade de Montréal (UM). O projeto é intitulado “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de quatro a seis anos de idade”. Este trabalho

A pesquisa se caracterizou como um estudo transversal, exploratório-descritivo e correlacional. O estudo foi quantitativo e composto por questionários e escalas que investigaram o perfil sociodemográfico, o relacionamento e a ocorrência de conflito conjugal entre os participantes.

Participantes

Para o presente estudo, foi utilizada uma amostra por conveniência composta pelos 50 primeiros casais que aceitaram participar da pesquisa. Os casais deveriam ser pais, biológicos ou não, de crianças entre 4 e 6 anos. Eles deveriam estar vivendo juntos por pelo menos seis meses. Foram incluídos na amostra apenas os casais que, quando do nascimento da criança focal⁵ do projeto maior (vide nota de rodapé 3), já haviam completado 18 anos.

Instrumentos

A coleta de dados incluiu os seguintes instrumentos:

a) Questionário Sociodemográfico: Constitui-se em um questionário que investiga local e tipo de residência, número de pessoas que vivem na casa e idades das mesmas, composição familiar, escolaridade, profissão e renda dos casais.

b) *FLOREAL*: Investiga aspectos relacionados ao relacionamento conjugal, fontes de conflito entre o casal e na presença dos filhos e tipo de personalidade dos cônjuges⁶. No que se refere à relação conjugal, o instrumento avalia cinco dimensões: *harmonia conjugal*; *reciprocidade negativa*; *evitação*; *reciprocidade* e *ciúme*.

c) Escalas de Táticas de Resolução de Conflito Conjugal - CTS2 (*Revised Conflict Tactics Scales*): Concebido especificamente para identificar o uso da violência entre indivíduos que tenham relação de namoro, casamento ou afins. Descreve possíveis ações do respondente e, reciprocamente, de seu companheiro. É formado por cinco escalas sendo que três delas abarcam táticas de resolução de conflitos através de *negociação*, *agressão psicológica* e *violência física*. As outras duas informam sobre *injúrias* e *coerção sexual* (Straus, 1979; Moraes, Hasselmann, & Reichenheim, 2002).

Procedimentos

A coleta de dados foi efetuada na residência dos casais e consistiu em uma conversa inicial para

desenvolveu uma parte dessa pesquisa, a qual tem execução prevista para o período de novembro de 2009 a novembro de 2012.

⁵ Criança focal: o projeto maior investiga a expressão da agressividade em crianças de 4 a 6 anos. Portanto, o termo *criança focal* é utilizado para definir sobre qual dos filhos os pais responderam aos questionários. No caso de haver mais de um filho na faixa etária de interesse da pesquisa, os pais eram instruídos a responder aos questionários sobre a criança cuja primeira letra do nome aparece primeiro na ordem alfabética.

⁶ O presente estudo limitou-se a avaliar apenas a dimensão do instrumento Floreal que avalia o relacionamento conjugal.

fornecer esclarecimentos sobre a pesquisa; assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁷ e aplicação dos instrumentos: o homem respondeu ao *FLOREAL* e CTS2, e a mulher respondeu ao Questionário Sociodemográfico⁸, *FLOREAL* e CTS2.

Os resultados obtidos na pesquisa foram tabulados e submetidos a análises formais através do pacote estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) - versão 18.0. A análise dos dados foi quantitativa, realizada a partir de: estatística descritiva (Sampieri, Collado, & Lucio, 2006) e inferencial (Fleith & Junior, 2005). Os dados receberam tratamento estatístico não paramétrico em virtude das respostas não obedecerem à distribuição normal.

Resultados

Caracterização sociodemográfica dos participantes

A média de idade dos homens foi 37,2 anos (DP= 9,39) e das mulheres 33 anos; (DP= 6,35).

No que se refere à escolaridade, verificou-se que 66% dos membros do casal completaram, pelo menos, o Ensino Médio, sendo que, desses, 18% dos homens e 20% das mulheres concluíram Ensino Superior.

A renda média relatada pelo marido foi 2.092,40 reais (DP= 1.360,61), sendo a mínima 510,00 reais e a máxima, 8.000,00 reais. A média de renda feminina foi 1.247,02 reais (DP= 944,35), sendo a menor relatada 100,00 reais e a mais alta, 6.000,00 reais. A média referida de rendimentos mensais da família foi 3.306,34 reais (DP= 1.850,24). De acordo com os dados informados pelas famílias, constatou-se que 44,9% delas obtinham uma faixa salarial mensal entre 2.001,00 reais e 4.000,00 reais e 26,5% recebiam um valor acima de 4.000,00 reais como receita mensal.

O tempo médio de união mencionado pelos participantes foi de 10 anos. Com relação à composição familiar, a maioria dos casais (78%) pertencia à família nuclear com pai e mãe biológicos da criança focal. Dezesseis casais (32%) afirmaram ter apenas um filho e 34 famílias (68%) relataram ter mais de um filho.

Relacionamento conjugal

A *harmonia conjugal* foi a dimensão que obteve médias mais altas, tanto para os homens quanto para as mulheres. Dessa forma, a maioria dos casais entrevistados respondeu que concorda

⁷ O projeto de pesquisa mais amplo, no qual o presente estudo se insere, foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH -UFSC) e aprovado sob certificado número 520/2009, atendendo às Resoluções nº 196, de 10 de outubro de 1996, e nº 251 de 5 de agosto de 1997, do Ministério da Saúde.

⁸ A decisão de que somente a esposa responderia ao Questionário Sociodemográfico foi definida no projeto maior que inclui, além desse, a aplicação de sete instrumentos.

que costuma falar de sentimentos um ao outro, fazer concessões, gentilezas e agradados. Em relação à *reciprocidade negativa* e *evitação*, as integrantes do sexo feminino indicaram exercê-las mais do que seus parceiros. Entretanto, as médias dessas duas dimensões (Tabela 1), tanto dos homens quanto das mulheres, abrangem valores entre 2 e 3, fato que indica que, em média, ambos os cônjuges discordam em exercer atitudes que se caracterizam pela ocorrência de brigas e discussões ou por um comportamento de retração com o objetivo de evitar desavenças.

Tabela 1. Médias e desvios-padrão de homem e mulher nas dimensões do relacionamento conjugal

	Relacionamento Conjugal		
	<i>Harmonia Conjugal</i>	<i>Reciprocidade Negativa</i>	<i>Evitação</i>
Homem	5,05 (D.P=0,55)	2,59 (D.P=0,77)	2,83 (D.P=0,71)
Mulher	5,07 (D.P=0,57)	2,95 (D.P=0,92)	2,88 (D.P=0,82)

Com relação às duas questões que avaliavam a reciprocidade entre o casal, 84% dos homens responderam que consideram ter uma relação justa com suas companheiras, na qual ambos ganham igualmente por estar juntos. No entanto, 12% dos homens relataram perceber que a relação conjugal é muito mais favorável para eles do que para suas esposas. Em contrapartida, 4% dos entrevistados referiram que suas companheiras aproveitam mais da relação do que eles.

A maioria das mulheres (82%) também considerou ter uma relação conjugal justa. Entretanto, 16% das entrevistadas consideraram que seus companheiros aproveitam mais da relação do que elas, e apenas uma mulher referiu aproveitar mais do relacionamento do que seu parceiro.

No que se refere ao futuro da relação conjugal, 56% dos homens e 60% das mulheres relataram acreditar que a situação ficará do mesmo jeito e 44% dos maridos e 40% das esposas afirmaram crer que a relação irá melhorar, e eles terão mais do que esperam de seu cônjuge.

As questões sobre *ciúmes* evidenciaram que as integrantes do sexo feminino se autodefinem como pouco ciumentas (30%), raramente ciumentas (28%) e ciumentas (12%). Quatro mulheres afirmaram ser muito ciumentas e duas, extremamente ciumentas. Elas também referiram que nunca (40%) ou raramente (28%) pensam que seus companheiros estão interessados sexualmente por outras pessoas. E 52% delas afirmaram que incomodaria mais imaginar que seus companheiros estivessem apegados emocionalmente a outras pessoas. Entretanto, nessa situação, a maioria delas mencionou que se sentiria muito enciumadas (22%).

Os homens responderam às mesmas questões sobre *ciúmes*, e 42% deles afirmaram serem pouco ciumentos, 20% raramente ciumentos e 16% ciumentos. Três maridos referiram ser muito

ciumentos e dois, extremamente ciumentos. Com relação a pensarem que suas companheiras pudessem estar interessadas sexualmente em outras pessoas, a maioria deles respondeu que nunca (76%) ou raramente (14%) tem esses tipos de pensamentos. Ao contrário das esposas, 60% dos maridos julgaram que se incomodariam mais de imaginar que suas companheiras tivessem relações sexuais apaixonadas com outras pessoas, e, ao refletirem sobre essa situação, a maioria deles afirmou que ficaria extremamente ciumento (34%).

Caracterização dos tipos de resolução de conflito na relação conjugal

No que se refere às táticas de resolução de conflito conjugal, a Tabela 2 mostra que todos os homens relataram terem se utilizado de estratégia de *negociação*, em média, de dez a vinte vezes durante o último ano. Com relação à *agressão psicológica menor*, 82% dos entrevistados referiram terem usado essa forma de violência de duas a cinco vezes, em média, no período de um ano. Além disso, um em cada cinco homens respondeu já ter realizado *agressão psicológica grave*. Dezesesseis homens afirmaram que já realizaram *violência física menor* e dois desses entrevistados disseram terem exercido *violência física grave*. Dez entrevistados admitiram terem submetido suas parceiras à *coerção sexual menor* e um deles afirmou ter cometido *coerção sexual grave*. No que se trata de injúrias, 10% dos homens referiram ter realizado *injúria menor* e, desses, um relatou ter exercido *injúria grave*.

Tabela 2. Médias e frequências das táticas de resolução de conflito conjugal exercidas pelo homem e respostas da mulher a respeito dele

Dimensões do CTS2	Homem Respondente			Mulher refere sobre o parceiro		
	Quantidade	Média	Frequência	Quantidade	Média	Frequência
<i>Negociação</i>	50	(9,82) DP 5,87	De 10 a 20 vezes ¹	49	(9,09) DP 6,35	De 10 a 20 vezes ¹
<i>Agressão Psicológica Menor</i>	41	(2,68) DP 3,93	De 2 a 5 vezes ¹	41	(2,66) DP 3,52	De 2 a 5 vezes ¹
<i>Violência Física Menor</i>	16	(0,22) DP 0,52		8	(0,12) DP 0,39	
<i>Agressão Psicológica Grave</i>	10	(0,14) DP 0,35		10	(0,57) DP 1,80	
<i>Coerção Sexual Menor</i>	10	(0,88) DP 3,00		13	(0,48) DP 1,09	
<i>Injúria Menor</i>	5	(0,06) DP 0,19		5	(0,80) DP 0,27	
<i>Violência Física Grave</i>	2	(0,02) DP 0,14		2	(0,01) DP 0,06	
<i>Coerção Sexual Grave</i>	1	(0,01) DP 0,07		3	(0,07) DP 0,32	

Injúria Grave	1	(0,01) DP 0,07	2	(0,01) DP 0,08
---------------	---	-------------------	---	-------------------

¹ Corresponde à média do número de vezes que determinada dimensão ocorreu no último ano.

No que diz respeito às formas de resolução de conflitos observadas pelas mulheres sobre seus parceiros, 88% delas afirmaram que seus companheiros se utilizaram de *negociação* de 10 a 20 vezes no último ano, em média. Com relação à dimensão da *agressão psicológica*, as entrevistadas corroboraram as informações fornecidas por seus companheiros, sendo que quarenta e uma delas relataram terem sido vítimas de *agressão psicológica menor*, em média, de 2 a 5 vezes no último ano, e dez, da sua forma *grave*. Treze mulheres referiram já terem sido submetidas à *coerção sexual menor* e, dessas, três relataram também já terem sofrido *coerção sexual grave*. Oito entrevistadas afirmaram já terem sido vítimas de *violência física menor* e cinco de *injúria menor* e, dessas, duas relataram terem sofrido *violência física grave* e *injúria grave*.

A Tabela 3 demonstra que a *negociação* também foi referida como a estratégia mais usada para resolução de conflitos por todas as mulheres com uma frequência de 10 a 20 vezes no último ano, em média. Quarenta e quatro entrevistadas admitiram terem cometido *agressão psicológica menor* de 2 a 5 vezes durante o último ano e, dessas, 12 afirmaram já terem realizado *agressão psicológica grave*. Quinze mulheres referiram já terem exercido *violência física menor* e uma em cada dez entrevistadas afirmou já ter submetido seu companheiro à *violência física grave*, sendo que uma dessas também relatou já ter praticado *injúria menor*. Seis mulheres relataram terem realizado *coerção sexual menor* contra seus companheiros e outra afirmou ter cometido *coerção sexual grave*. Ao analisarmos as repostas dos casais sobre suas parceiras, a dimensão da *negociação* foi observada por 100% deles. Entretanto, no que trata de atitudes de violência observadas pelos homens sobre suas parceiras, 84% deles afirmaram já terem sido vítimas de *agressão psicológica menor* de 2 a 5 vezes no período do último ano⁹ e 22% referiram já terem sofrido *agressão psicológica grave*. No que diz respeito à ocorrência de *violência física* na relação conjugal, a sua forma *grave* foi relatada por 6% dos homens e a *menor*, por 28% dos entrevistados. Cinco homens disseram que sofreram *coerção sexual menor* por parte de suas parceiras e outro afirmou ter sofrido *coerção sexual grave*. Quatro entrevistados afirmaram que suas companheiras cometeram *injúria menor* enquanto nenhum deles relatou *injúria grave*.

As tabelas 2 e 3 indicam que tanto os homens quanto as mulheres relataram se utilizar, principalmente, de três dimensões como táticas de resolução de conflito conjugal. Dessa forma, as dimensões mais referidas foram, respectivamente, *negociação*, *agressão psicológica menor* e *violência física menor*. Além disso, na comparação das médias por dimensão do CTS2 masculino com o feminino, através do Teste de Mann-Whitney, usado para comparação de médias entre dois

⁹ O período do último ano se refere a julho de 2009 a julho de 2010.

grupos independentes, a única diferença significativa encontrada foi na dimensão *coerção sexual menor do homem*, ou seja, os membros do sexo masculino e as mulheres não foram coerentes nas respostas sobre atitudes como insistir ou obrigar a parceira a fazer sexo sem usar força física ($Z = -2,24$; $p < 0,05$). A menor diferença entre as médias foi verificada na dimensão *coerção sexual grave*.

Tabela 3. Médias e frequências das táticas de resolução de conflito conjugal exercidas pela mulher e respostas do homem a respeito dela.

Dimensões do CTS2	Mulher Respondente			Homem refere sobre a parceira		
	Quantidade	Média	Frequência	Quantidade	Média	Frequência
<i>Negociação</i>	50	(10,58) DP 6,16	De 10 a 20 vezes ¹	50	(9,73) DP 5,88	De 10 a 20 vezes ¹
<i>Agressão Psicológica Menor</i>	44	(3,45) DP 4,33	De 2 a 5 vezes ¹	42	(2,66) DP 3,82	De 2 a 5 vezes ¹
<i>Violência Física Menor</i>	15	(0,34) DP 1,01		14	(0,24) DP 0,78	
<i>Agressão Psicológica Grave</i>	12	(0,58) DP 1,65		11	(0,30) DP 1,37	
<i>Coerção Sexual Menor</i>	6	(0,36) DP 1,38		5	(0,06) DP 0,23	
<i>Violência Física Grave</i>	5	(0,03) DP 0,12		3	(0,01) DP 0,08	
<i>Injúria Menor</i>	1	(0,02) DP 0,14		4	(0,15) DP 0,64	
<i>Coerção Sexual Grave</i>	1	(0,00) DP 0,03		1	(0,04) DP 0,28	
<i>Injúria Grave</i>	0			0		

¹Corresponde à média do número de vezes que determinada dimensão ocorreu no último ano.

Ao verificarmos as correlações entre as dimensões do CTS2 e as variáveis sócio-demográficas (Tabela 4), percebemos que quanto maior a escolaridade dos integrantes do sexo masculino e as rendas do homem, da mulher e familiar, menos a mulher refere exercer táticas de *negociação* para a resolução de conflitos conjugais. Da mesma forma, quanto maior a renda da mulher, mais o homem refere observar sua companheira utilizar estratégias de *negociação*.

Os resultados nas comparações entre os cônjuges nas dimensões do *FLOREAL*, realizadas através dos testes estatísticos de Mann-Whitney e Wilcoxon, apontam que existe uma diferença estatisticamente significativa na dimensão *reciprocidade negativa*, indicando que as mulheres referem mais a ocorrência de discussões, acusações, brigas e agressões do que os homens ($p < 0,05$; $Z = -0,31$). Não houve correlações significativas entre as dimensões do instrumento *FLOREAL* e variáveis sociodemográficas.

Tabela 4. Correlações de Spearman entre as dimensões do CTS2 e variáveis sociodemográficas

<i>Dimensões do CTS2</i>	<i>Variáveis Correlacionadas</i>	<i>r de Spearman</i>
Negociação exercida pela mulher		
	Escolaridade Masculina ¹	.35*
	Renda Familiar no mês anterior ¹	.34*
	Renda Masculina ¹	.30*
	Renda Feminina ¹	.39**
Negociação exercida pela mulher observada pelo homem		
	Renda Feminina ¹	.41**

¹ Correlação negativa. *p<0,05; **p<0,01. Não houve correlação com as outras dimensões.

Discussão

O objetivo do presente estudo era caracterizar o relacionamento conjugal e as táticas de resolução de conflito entre os casais. Nesse sentido, os resultados dos instrumentos *FLOREAL* e CTS2 mostraram que a maioria de homens e mulheres considera ter uma relação conjugal *harmônica*, permeada principalmente pela *negociação*. Assim, os casais entrevistados concordaram que expressam sentimentos em relação um ao outro, mesmo quando esses são negativos, usam de todo o tempo necessário para resolverem desavenças, fazem concessões e reconhecem manifestações recíprocas de agrados, gentilezas e de atitudes que visam a oferecer satisfação e felicidade ao cônjuge. Do mesmo modo, em situações de conflito, os casais referiram importar-se com o parceiro, inclusive quando estão em desacordo, explicar o motivo das discordâncias, mostrar que respeitam os pontos de vista e sentimentos do cônjuge e engajar-se na busca pela solução dos problemas para resolver as diferenças.

Por essas razões, pode-se afirmar que, em média, os casais participantes vivem em *harmonia conjugal* caracterizada por um sentimento de empatia, a qual faz com que cada um dos cônjuges sinta-se acolhido, validado em seus sentimentos e respeitado, permitindo, assim, uma maior satisfação no casamento (Oliveira, Falcone, & Ribas, 2009). Silvares e Souza (2008) discutem que um casal pode ser considerado harmônico se esse se avalia como feliz e ajustado, além de apresentar um alto nível de concordância nos vários aspectos que concernem sua vida em comum. Ademais, a expressão do afeto nas discussões e na ocorrência de incompatibilidade de ideias, com manifestação de sentimentos de cuidado e respeito mútuo, parece ser uma forma mais positiva de lidar com os conflitos. Braz et al. (2005), ao investigarem as relações conjugais de famílias de classe média, também concluíram que casais atribuem satisfação ao casamento quando esse é alicerçado por compromisso, intimidade, similaridade, trocas afetivas e negociação.

O tipo de conflito conjugal mais expressivo para ambos os cônjuges foi a *agressão psicológica menor*. Isso indica que, apesar de os pais e mães referirem tentar resolver diferenças ou desavenças através de diálogos na maior parte do tempo, eventualmente, eles têm atitudes que envolvem fazer algo para ofender o cônjuge: insultam ou xingam, gritam ou berram, viram as costas e vão embora no meio de uma discussão ou ameaçam acertar ou jogar algo no companheiro. Esse resultado novamente corrobora o estudo de Braz et al. (2005) que identificaram que, em situações de conflito, a maioria dos casais reage de forma negativa, ou seja, gritando, reclamando, demonstrando raiva e deixando de falar com o parceiro por determinado tempo. Assim, os resultados indicam que, quanto às estratégias de resolução de conflito, quando o diálogo não é possível, há predomínio de agressões verbais e/ou isolamento em detrimento de agressões físicas.

O estudo também visava a verificar se havia relação entre variáveis sociodemográficas (renda e escolaridade dos cônjuges) com o conflito conjugal. A esse respeito, foi possível verificar que quanto maior a escolaridade do homem e quanto mais alta for a renda mensal masculina, feminina e familiar, menos a mulher exercerá táticas de *negociação* com o esposo. Assim, pode-se supor que as mulheres com boa renda pessoal e familiar, casadas com homens com bom nível educacional e econômico, não têm muita necessidade de negociar estrategicamente com o intuito de obter acordos, justamente por viverem uma relação de consonância com o cônjuge.

No que se refere às estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal, essas podem ser diretas ou indiretas, ativas ou camufladas, visando a buscar a resolução do dilema ou a fugir do mesmo. O tipo de tática escolhida por cada cônjuge em situação de conflito é resultante do papel e do *status* de cada membro do casal, bem como da distribuição do poder desses na dinâmica familiar. Desse modo, mesmo quando a *negociação* é utilizada, há todo um conjunto de estratégias que se constituem de maneiras informais de se controlar o cotidiano conjugal, funcionando como uma linguagem que os casais aprendem ao longo do tempo em que permanecem juntos (Garcia & Tassara, 2001).

Além do exposto, apesar de as integrantes do sexo feminino terem obtido escores médios maiores do que os homens nas dimensões *reciprocidade negativa* e *evitação*, ambos os cônjuges parecem discordar que utilizam estratégias não recíprocas para resolver seus conflitos ou que fazem rodeios, deixando que o tempo resolva seus problemas conjugais. Dessa forma, a ocorrência da *negociação* pode fluir naturalmente, sem que os casais percebam que usam dessa dimensão como uma tática de resolução de conflitos. Assim, de acordo com os resultados, a maioria dos casais entrevistados demonstrou ter relacionamentos saudáveis, isto é, perpassado por concordância na maior parte das questões e na solução de problemas, por padrões de comunicação eficazes e por preocupação com a manutenção da relação (Wright, Simmons, & Campbell, 2007).

Considerações finais

Considera-se que as duas principais constatações do presente estudo são que cada um dos cônjuges considera ter uma relação conjugal harmônica baseada na negociação. No entanto, é preciso ter cautela com os resultados apresentados por esta pesquisa, pois o delineamento do estudo foi correlacional e, por isso, não se podem inferir relações causais. Além disso, a maioria das correlações foi fraca e a amostra, relativamente pequena. Assim, pode-se falar em tendências, mas não há como afirmar uma relação direta entre as duas variáveis.

Com relação ao relacionamento conjugal, observou-se que os casais que constituíram a amostra do presente estudo, em média, caracterizam-se por manter uma relação harmoniosa. Entretanto, a maioria dos artigos científicos sobre casais trata de conflito entre os cônjuges e suas repercussões no comportamento dos filhos (Carneiro, 1980; Garcia & Tassara, 2003; Benetti, 2006; Silveiras & Souza, 2008; R. Feldman, Masalha, & Derdikman-Eiron, 2010). Outros abordam questões referentes à satisfação e qualidade conjugal (Amato, Johnson, Booth, & Rogers, 2003; Wagner, et al., 2005; Mosmann, et al., 2006). Com isso, destaca-se a dificuldade de encontrar publicações, nacionais e estrangeiras, que comentem sobre os aspectos que definem harmonia conjugal e a falta de consenso entre os autores para determinar as características que envolvem esse conceito. Ademais, aponta-se a necessidade de investigar melhor as táticas de negociação exercidas entre casais.

Da mesma forma, recomenda-se a inclusão de método qualitativo para investigar as táticas de resolução de conflito entre casais e a realização de genograma para de identificar padrões transgeracionais de relação. Acredita-se que as conclusões de pesquisas dessa natureza oferecem recursos que contribuem para o trabalho de profissionais que atuam na área da família.

Referências

- Almeida, T. de, Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. de. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia, 13*(1), 83-90.
- Amato, P. R., Johnson, D. R., Booth, A., & Rogers, S. J. (2003). Continuity and change in marital quality between 1980 and 2000. *Journal of Marriage and Family, 65*, 1-22.
- Belsky, J., & Rovine, M. (1990). Patterns of marital change across the transition to parenthood: pregnancy to three years postpartum. *Journal of Marriage and the Family, 52*, 5-19.
- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito Conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 19*(2), 261-268.
- Bigras, M., & Paquette, D. (2000). L'Interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental": une analyse personne-processus-contexte. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16*, 91-102.
- Boas, A. C. V. B. V., Dessen, M. A., & Melchiori, L. E. (2010). Conflitos conjugais e seus efeitos sobre o comportamento de crianças: uma revisão teórica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 62*(2), 92-102.
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: uma Comparação entre Famílias de Classes Sociais Baixa e Média. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 18*(2), 151-161.
- Caillé, P. (1994). *Um e um são três: o casal de auto-revela*. (J. de Souza e M. Werneck, Trans.). São Paulo: Summus.
- Carneiro, T. F. (1980). Psicoterapia de casal: a relação conjugal e suas repercussões no comportamento dos filhos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 32*(4), 51-61.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995a). *As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trans. 2 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995b). As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar : Uma estrutura para a terapia familiar*. (2 ed., pp. 7-29). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Carvalho, L. d. F., Bueno, J. M. H., & Kebleris, F. (2008). Estudos psicométricos preliminares do inventário de ciúme romântico - ICR. *Avaliação Psicológica, 7*(3), 335-346.
- Epstein, N. B., Baucom, D. H., & LaTaillade, J. J. (2006). Marital Problems. *Practitioner's guide to evidence-based Psychotherapy*. (pp. 396-407). New York: Springer.
- Feldman, R., Masalha, S., & Derdikman-Eiron, R. (2010). Conflict resolution in the parent-

- child, marital, and peer contexts and children's aggression in the peer group: A process-oriented cultural perspective. *Developmental Psychology*, 46(2), 310-325.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-395.
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367-374.
- Féres-Carneiro, T., & Neto, O. D. (2005). Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades. *Estudo de Psicologia*, 22(2), 133-141.
- Fincham, F. D. (2003). Marital Conflict: correlates, Structure and Context. *Current Directions in Psychological Sciences*, 12(1), 23-27.
- Fleith, D. S., & Costa Jr., A. L. (2005). Métodos de pesquisa em psicologia: o que é relevante considerar? In M. A. Dessen & A. L. Costa Jr (Eds), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 37-49). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. d. O. (2001). Estratégias de enfrentamento do cotidiano conjugal. *Psicologia: reflexão e crítica*, 14(3), 635-642.
- Garcia, M. L. T., & Tassara, E. T. d. O. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 127-133.
- Goeke-Morey, M. C., Cummings, E. M., Harold, G. T., & Shelton, K. H. (2003). Categories and continua of destructive and constructive marital conflict tactics from the perspective of U.S. and Welsh children. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 327-338.
- Gottman, J. (1998). Psychology and the study of marital processes. *Annual Review of Psychology*(49), 169-197.
- Gottman, J., & Silver, N. (2000). *Sete princípios para o casamento dar certo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Horwitz, B. N., Spotts, E. L., Reiss, D., Ganiban, J. M., Lichtenstein, P., & Neiderhiser, J. M. (2011). The role of aggressive personality and family relationships in explaining family conflict. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 174-183.
- Kingham, M., & Gordon, H. (2004). Aspects of morbid jealousy. *Advances in Psychiatric Treatment*, 10, 207-215.
- Madhyastha, T. M., Hamaker, E. L., & Gottman, J. M. (2011). Investigating spousal influence using moment-to-moment affect data from marital conflict. *Journal of Family Psychology*, 25(2), 292-300.
- McGoldrick, M. (1995). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In A. Médicas (Ed.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 184-205). Porto Alegre.
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. The United States of America: Harvard College.

- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mosmann, C., Wagner, A., & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade Conjugal: mapeando Conceitos. *Paidéia*, 16(35), 315-325.
- Oliveira, M. G. S. de, Falcone, E. M. de O., & Ribas Jr, R. de C. (2009). A avaliação das relações entre a empatia e a satisfação conjugal: um estudo preliminar. *Interação em Psicologia* 13(2), 13(2), 287-298.
- Osório, L. C. (2004). A família como sistema. In J. Mello Filho & M. Burd (Eds.), *Doença e Família* (pp. 29-42). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Papp, P. (1995). Prisioneiros do papel sexual. In Summus (Ed.), *O casal em crise* (pp. 147-154). São Paulo.
- Recchia, H. E., Vickar, M., & Ross, H. S. (2010). Power and conflict resolution in sibling, parent-child, and spousal negotiations. *Journal of Family Psychology*, 24(5), 605-615.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metologia de Pesquisa*. São Paulo: McGraw Hill.
- Sangrestano, L. M., Heavy, C. L., & Christensen, A. (2006). Individual differences versus social structural approaches to explaining demand-withdraw and social influence behaviors. In K. Dindia & D. J. Canary (Eds.), *Sex differences and similarities in communication* (pp. 361-377). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Silvares, E. F. M., & Souza, C. L. (2008). Discórdia conjugal: distúrbios psicológicos infantis e avaliação diagnóstica comportamental-cognitiva. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 200-213.
- Straus, M. A. (1979). Measuring intrafamily conflict and violence: the conflict tactics (CT) scales. *Journal of Marriage and the Family*, 75-88.
- Wagner, A. (2005). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Watzlawick, P., Beavin, J. H., & Jackson, D. D. (1973). *Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo: Cultrix.
- Wright, D. W., A. Simmons, L., & Campbell, K. (2007). Does a marriage ideal exist? Using Q-Sort methodology to compare young adults' and professional educators' views on healthy marriages. *Contemporary Family Therapy*, 29, 223-236.